

“UM DEFEITO DE COR”: A LITERATURA NAS TRILHAS INTERSECCIONAIS DE UMA ESTUDANTE NEGRA COM DEFICIÊNCIA

Simone Teixeira Barrios¹;
Georgina Helena Lima²

¹Universidade Federal de Pelotas – simonetbarrios@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – geohelena@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A literatura brasileira traz em seus romances afro-brasileiros a narrativa das histórias diaspóricas, de quando os negros da África chegam ao Brasil, assim como mostram a violência gerada durante o período escravocrata. Neste trabalho, projetamos apresentar o romance “Um defeito de cor”¹ de Gonçalves (2006), compreendendo a literatura como um meio para discorrer sobre a identidade negra, que neste texto, vai ao encontro de uma reflexão sobre a interseccionalidade de gênero, de raça e de deficiência, ligando-a a capacidade de resistência de uma estudante que passamos a chamá-la de Juliana², frente aos desafios da sua formação escolar. Esse tema faz parte da minha pesquisa de doutoramento, vinculado ao PPGE FAE/UFPEL, Linha IV: Formação de Professores, Ensino, Processos e Práticas educativas, sob a orientação da professora Dr^a Georgina Helena Lima Nunes. A investigação tem como proposta compreender o processo de escolarização de uma estudante negra ao anunciar a interseccionalidade como categoria de análise dos mencionados marcadores sociais a partir de sua história de vida. Portanto, o trabalho ora elaborado trata-se de uma abordagem metodológica qualitativa exploratória com delineamento bibliográfico a partir de autores (as) tais como: Nascimento (1985), Freire (1996), Adichie (2019), Crenshaw (2002), Hall (2006) Akotirene (2020) e Gonçalves (2006), contemplando os aspectos narrativos de uma obra literária e dos excertos de entrevistas realizadas com a estudante.

“Um defeito de cor” de Ana Maria Gonçalves relata a história de uma mulher chamada Kehinde, já idosa, que nasceu em Savalu, capturada e traficada, foi escravizada no Brasil junto com a sua irmã e a sua avó, sendo que a autora usa de uma das reproduções ficcionais denominada Luísa Mahin, heroína do levante dos Malês³ que aconteceu em 1835 em Salvador. Dessa maneira, a obra abre espaço para dar voz a essa figura que historicamente foi silenciada. Embora o livro não tenha seu foco nos referidos marcadores do período escolar e na defesa de uma educação como uma das possibilidades de um futuro melhor, podemos extrair reflexões por meio deste fundo histórico e cultural e, miramos na possibilidade interseccional de levantar questões sobre gênero, raça e, implicitamente, deficiência, não apenas físicas, mas emocionais e psicológicas geradas pelos traumas vivenciados pela protagonista e as experiências de opressões vivenciadas pela Juliana em seu processo educacional. Em “Um defeito de cor”, percebemos as nuances do que era ser mulher negra em uma

¹ O título referencia-se ao decreto colonial onde as pessoas não brancas eram impedidas de assumirem empregos públicos e outras profissões, isto é, deveriam solicitar a dispensa do defeito de cor - como um pedido de desculpas pela cor da pele.

²Nome fictício dado a protagonista e sujeita da pesquisa com o intuito de preservá-la.

³ Foram rebeliões de escravos, sendo a mais importante a dos Malês, de caráter racial, contra a escravização e a imposição da religião católica.

sociedade escravocrata. Portanto, a história literária pode ser uma compreensão das conexões opressivas vivenciadas por Juliana em pleno século XXI; não iguais, demasiadamente diferentes, entretanto com resquícios de um tempo presente nas condições objetivas e subjetivas dos remanescentes de colonizadores (as) e colonizadas (os).

Diante disso, nos ateremos à forma como acessar lugares de força e de resistência que identifica essas mulheres, uma vez que, por meio da contextualização da obra vimos que as lições de sofrimento do passado conectam-se com as lutas atuais por igualdade e direitos humanos, principalmente, em um enfoque antirracista. Diante do exposto, partimos de uma fala proferida pela estudante quando relaciona a necessidade de estudar com a condição de um futuro com melhores expectativas, ou seja, a educação aparece como um projeto valioso para desafiar as narrativas dominantes, redefinir sua identidade e planejar seu próprio destino. Quando ela diz: “*eu quero ser alguém na vida*”⁴, cabe lembrarmos sobre a existência de um padrão instituído que revela uma crença internalizada de que a pessoa ainda não é “alguém” - um princípio impulsionado por narrativas sociais que desvalorizam a identidade e as experiências, neste caso, de mulheres negras e que irrompem em falas recorrentes das manifestações excludentes na escola. Ao adotar essa frase, pensamos que a estudante, involuntariamente, acabe validando e reproduzindo uma educação escolar redentora que muitas vezes é cúmplice dos modelos pré-estabelecidos. De modo semelhante, Kheinde sugere um pouco dessa ideia ao pronunciar: “[...] pensei também que poderia arrumar emprego no comércio, já que sabia ler e escrever, o que era uma grande vantagem em relação aos outros pretos” (GONÇALVES, 2006, p. 242).

À vista disso, concordamos com Beatriz Nascimento (1985) quando concebe resistência como uma questão de sobrevivência porque mediante a vida, nem todo tempo se é forte, mesmo assim, as fragilidades podem constituir-se enquanto força e persistência em um processo incessante de recuperação da dignidade e dos direitos refutados historicamente às pessoas negras. Portanto, a educação escolar pode ser um dos esteios para romper o fluxo das desigualdades porque “se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental a educação pode” (FREIRE, 1996, p. 112)⁵. Uma das justificativas dos nossos estudos recai na importância de se ouvir atentamente aqueles (as) que historicamente sofreram tentativas de silenciamento, mas não se deixaram silenciar. É relevante ouvir as diferentes vozes que permeiam o cotidiano das escolas, perceber os seus desejos e captar seus pensamentos para que novas oportunidades sejam construídas, coletivamente, no espaço escolar e para além dele. Em um mundo que marginaliza, a literatura negra proporciona uma celebração da voz, reivindica espaço e poder, fornecendo uma ponte para a riqueza das experiências humanas. Adichie (2019) alega que muitas histórias interessam, algumas histórias são usadas para desacreditar e oprimir, mas juntas “podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada” (ADICHIE, 2019, p. 32).

Esse cruzamento de desafios faz com que o simples e o complexo ato de permanecer na escola e persistir em seus estudos seja um modo de resistência de Juliana. De acordo Crenshaw (2002), a interseccionalidade vai abordar a forma

⁴Fala da sujeita da pesquisa (Juliana), em entrevista no dia 01 de setembro de 2023.

⁵FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Por conseguinte, neste estudo raça, gênero e deficiência são conceitos que se afirmam como construção social, histórica e política. A estudante legitima essa ideia interseccional quando diz que: “*sempre me viram como uma mulher negra brigona*” (JULIANA, 2023). Em nosso ponto de vista, preferimos reescrever essa fala na qualidade de uma mulher que se movimenta por uma concepção de resistência na perspectiva plural de identidades, do mesmo modo que referenda a sua cor não como um defeito, mas como um mecanismo potencializador do “ser mais” Freiriano, como condição ontológica do ser humano, quando a lógica colonial tenta afirmar o contrário:

Não tenho defeito algum e, talvez para mim, ser preta foi e é uma grande qualidade, pois se fosse branca não teria me esforçado tanto para provar do que sou capaz, a vida não teria exigido tanto esforço e recompensado com tanto êxito. (GONÇALVES, 2006, p.893).

Sempre “[...] somos confrontados (as) por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (HALL, 2006, p.13) e, dito isso, a interseccionalidade refere-se à sobreposição das dimensões identitárias na vida de um indivíduo e suas implicações. Akotirene (2020) defende que as mulheres negras, movem-se em avenidas identitárias, nas quais seus corpos sofrem impactos em virtude da raça, do gênero, da classe e da orientação sexual, e em nossos estudos, também da deficiência. Para Juliana e Kehinde essas condições são capazes de afetar a percepção de si mesmas por se defrontarem com as opressões provenientes de uma sociedade machista e patriarcal, fato esse que o livro explora a interseccionalidade, mostrando a marginalização de Kehinde não apenas por ser negra, mas também por ser mulher. E, por fim, conjuntamente, pela deficiência, embora a obra não se concentre nesse aspecto, ao transitar pelo contexto descrito no livro é possível compreendê-la como mais uma camada adicional de discriminação, logo essas mulheres teriam que não apenas navegar pelo racismo e sexismo, mas também pelo capacitismo. O desafio sempre foi/é para elas a possibilidade de encontrar o seu lugar e a sua voz em uma sociedade que sistematicamente movimenta-se produzindo violências e constantes intolerâncias com a diversidade humana.

2. METODOLOGIA

Metodologicamente o trabalho apresentado tem como base os princípios de uma pesquisa qualitativa de base exploratória que para Gil (2008) ⁶ costuma envolver: levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado [...]. Portanto, a contribuição teórica deu-se através das obras dos (as) autores (as) mencionados (as), do romance antirracista “Um defeito de Cor” e por meio de uma análise parcial de excertos das entrevistas realizadas, até o presente, com a Juliana, sujeita da pesquisa e protagonista da história que está sendo desenvolvida. A escolha vai ao encontro das relações estabelecidas entre a obra literária e as experiências de vida e escolarização da estudante, considerando uma perspectiva interseccional de raça, gênero e deficiência.

⁶GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora a frase “*quero ser alguém na vida*” possa parecer simples pela constância com que aparece nos discursos, principalmente, dos grupos minoritários, quando proferida por mulheres negras com deficiência exige um olhar mais aguçado acerca de sua matriz discursiva. É crucial que, quando as pessoas escutem estas palavras, não a minimizem e exacerbem sua reflexão em torno do complexo entrelaçamento das identidades, experiências e aspirações socialmente construídas nos espaços escolares. Juliana e Kehinde nos inspiram a refletir sobre a interseccionalidade de raça, gênero e deficiência porque desafiam a estrutura hegemônica dos poderes sociais e epistêmicos instituídos e advindos de uma sociedade que, historicamente, a lógica eurocêntrica se constitui como discurso universal.

4. CONCLUSÕES

Neste trabalho trouxemos a ideia de que é possível traçar uma conexão da trajetória de Kehinde e as vivências de estudante e de vida da Juliana, por serem experiências pautadas pela força e pela resistência implicadas pelo ensejo de uma vida mais justa e por direitos humanos. A adversidade enfrentada pela protagonista da obra, desde a separação traumática de seu filho até a luta pela sobrevivência em um mundo dominado por preconceitos, parte de nosso entendimento que, em certa medida, possam ser também aspectos tocantes nas experiências de estudantes mulheres negras deficientes. A firmeza de Juliana e de Kehinde em enfrentarem um mundo violento e ameaçador possibilita-nos lições valiosas sobre a força demandada no combate das opressões vivenciadas por ambas. Por isso, entendemos que é crível a ressonância da obra “Um defeito de cor” nas trilhas interseccionais da vida e da escolarização de uma estudante negra com deficiência porque se trata de afirmar: a cor não é um defeito que impeça de resistir a continuar sendo aquilo que é negado; “o vir a ser” é uma aspiração humana tal como o já “nascer sendo”, ou seja, são singularidades inerentes à experiência humana: o potencial e a essência. Ao adentrar na complexidade da vida dessas mulheres, a literatura negra desafia estereótipos redutivos e monolíticos, promovendo uma compreensão mais rica e multifacetada, encaminhando-se como uma validação e testemunho do poder das palavras para transformar, unir e curar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.
- BEATRIZ, Nascimento. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: *Afrodíaspóra*, n. 6-7, p. 41-49, 1985.
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de Especialistas em aspectos da Discriminação racial Relativos ao gênero. Revista Estudos feministas, n. 10, p. 171-188, 2002 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>.
- GONÇALVES, Ana Maria. Um defeito de cor. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- HALL, Stuart. A identidade cultural da pós-modernidade. São Paulo: DP&A, 2006.